

## INTENCIONALIDADE EM PROFERIMENTOS PERFORMATIVOS DE BRASILEIRAS COM CÂNCER DE MAMA NO CONTEXTO DIGITAL: UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA

Renata Martins Amaral<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise de proferimentos performativos na internet de três brasileiras em tratamento oncológico da mama que utilizam o *site* do Instituto Oncoguia para buscarem apoio no tratamento da doença. As lentes utilizadas para a leitura dos dados têm como referencial teórico a Pragmática em interface com a Intencionalidade. Os objetivos do estudo são: (i) identificar as intenções das pacientes ao proferirem suas enunciações no contexto digital; e (ii) verificar como a dêixis permeia as elocuições de intencionalidade dos atores sociais. A metodologia de pesquisa é a ciber-etnografia. A investigação sinaliza que um espaço virtual como o Oncoguia pode se revelar um contexto digital frutífero ao compartilhamento de histórias de vida, desafios e conquistas de pacientes com câncer, seus familiares e demais interessados no tema.

**Palavras-chave:** Pragmática, Intencionalidade, Câncer de Mama, Contexto Digital

**Abstract:** This article proposes an analysis of performative utterances on the Internet by three Brazilian women under breast cancer treatment who use the Oncoguia Institute website to seek support in the treatment of their disease. The theoretical references used for reading the data are from both Pragmatics through Intentionality. The objectives of the study are to: (i) identify the intentions of the patients to utter their utterances in the digital environment; and (ii) verify how deixis function in the social actors' utterances of intentionality. The research methodology is cyber ethnography. This research indicates that a virtual space like Oncoguia may become a fruitful digital context for sharing life stories, challenges and achievements of cancer patients, their families and others who are interested in this theme.

**Keywords:** Pragmatics, Intentionality, Breast Cancer, Digital Context

### Introdução

“Do ponto de vista do desempenho e performatividade, a análise da narrativa não é apenas semântica, envolvendo a interpretação de significados, mas também deve ser pragmática: analisando a luta pelo significado e as condições e consequências de contar uma história de uma

---

<sup>1</sup> Doutoranda da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro/ Brasil. A pesquisadora está vinculada ao Departamento de Letras, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, e recebe bolsa subsidiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para desenvolver sua pesquisa. Endereço eletrônico: martinsamaralrenata@gmail.com.

maneira particular”<sup>2</sup> (LANGELLIER, 2001, p. 151, tradução minha).

Ao pensarmos os seres humanos como atores sociais, que interagem uns com os outros nos mais diversos contextos, sejam eles digitais e/ou presenciais, de modo síncrono ou assíncrono, em espaços geográficos distintos ou não, nos desperta o interesse em compreender os propósitos desses indivíduos no que concerne a seus proferimentos performativos orais e/ou escritos (AUSTIN, [1962] 1990), que sinalizam realizações através das enunciações.

Nessa perspectiva, os estudos das linguagens e de como os sujeitos as utilizam para se posicionarem no mundo têm se tornado, cada vez mais, uma preocupação da Pragmática. As tentativas de definição e estabelecimento da Pragmática enquanto ciência autônoma (MEY, 2001; AUSTIN, [1962] 1990 e SEARLE, 1976) mobilizam desde visões clássicas (GRICE, 1982 e LEVINSON, [1983] 2007) até uma definição pós-colonial encontrada no Editorial do *Journal of Pragmatics* (2011).

Esse percurso histórico do desenvolvimento de definições acerca da Pragmática tem despertado o interesse dos autores supracitados, mais expressivamente, desde a segunda metade do século XX. De acordo com a avaliação de Mey (2001), a definição de Pragmática, como ponto de partida, desenvolvida no princípio dos anos 80, que consiste no significado em uso (*meaning in use*) e no significado no contexto (*meaning in context*), embora seja adequada, parece reducionista. Em consonância com a sua opinião, a visão da Pragmática pós-colonial encontrada no Editorial do *Journal of Pragmatics* (2011:1451) considera que o enquadre tradicional da Pragmática não é capaz de explicar o comportamento pragmático das comunidades híbridas do discurso. Na perspectiva contemporânea, a Pragmática amplia seus horizontes de investigação das manifestações do discurso para “linguagens misturadas e práticas comunicativas como ponto de partida, investigando diferentes formas, funções, e efeitos do discurso híbrido em contextos de discursos pós-coloniais.” (2011, p. 1451, tradução minha).

Imbuída pela convicção da Pragmática pós-colonial no que diz respeito à possibilidade de realizar análise pragmática em contextos híbridos, nos quais as manifestações do discurso me parecem compor um mosaico multimodal, e pelas ideias elencadas na epígrafe inicial desse capítulo – no que se refere à necessidade da análise Pragmática, aliada à semântica, dos proferimentos particulares dos atores sociais, que, no contexto em questão (LANGELLIER,

---

<sup>2</sup> O texto original é: “*From the perspective of performance and performativity, the analysis of narrative is not only semantic, engaging the interpretation of meanings, but must also be pragmatic: analyzing the struggle over meanings and the conditions and consequences of telling a story in a particular way.*”

2001) assim como no contexto desse estudo, se referem às histórias de vida de mulheres em tratamento oncológico com tumor localizado na mama –, proponho um olhar pelas lentes da Pragmática sobre esse assunto, que, em geral, é discutido, exclusivamente, no âmbito das ciências biológicas.

O tema dessa investigação é a análise pragmática da intencionalidade no discurso de pacientes brasileiras com câncer de mama publicamente proferidos em contexto digital no sítio do Instituto Oncoguia ([www.oncoguia.org.br](http://www.oncoguia.org.br)), instituição paulista de referência e apoio no tratamento oncológico.

Parece-me que esse tema tem particular relevância nos estudos contemporâneos sob a análise pragmática, não somente por todas as características dos contextos pós-coloniais já apresentadas até aqui, em que há manifestações do discurso híbrido, mas também devido ao caráter evolutivo das Tecnologias da Informação e da Comunicação (doravante TICs) (TURKLE, 1995) e da resignificação da interação social na pós-modernidade (KATRIEL, 1999).

As perguntas de pesquisa que nortearam o estudo são as seguintes: (1) como se manifestam as intenções de solidariedade por meio das práticas discursivas das pacientes com câncer de mama nesse contexto digital? e (2) de que modo a intencionalidade nas enunciações das pacientes dão relevo aos atores sociais em função da dêixis? Nesse sentido, os objetivos aqui postulados são: (i) identificar as intenções das pacientes ao proferirem suas enunciações no contexto digital; e (ii) verificar como a dêixis permeia as elocuições de intencionalidade dos atores sociais.

Os aspectos teóricos que orientam o estudo procuram articular os principais construtos teóricos da Pragmática sobre intencionalidade (HAUGH & JASZCZOLT, 2012; MAZZONE & CAMPISI, 2010 e DURANTI, 2013), utilizando como categorias de análise a dêixis (LEVINSON, 2007 ; MEY, 2001 e NUNBERG, 1995), partindo da análise linguística rumo à relação com os conceitos subjacentes à temática da intencionalidade.

A metodologia de pesquisa utilizada é a ciber-etnografia (HALLETT & BARBER, 2013), que representa uma metodologia de investigação para indagar sobre o que ocorre nas comunidades virtuais do ciberespaço dentro de uma abordagem qualitativa (DENZIN & LINCOLN, 2006). A coleta de dados ocorreu em ambiente digital, no próprio site do Instituto Oncoguia. Após a busca por um site de referência no tratamento de câncer no Brasil, tive acesso às abas do Instituto Oncoguia, mais especificamente, aos depoimentos de pacientes com câncer de mama.

O artigo está organizado do seguinte modo: primeiramente, resenho criticamente textos sobre intencionalidade selecionados como aporte teórico à compreensão das enunciações das participantes em ambiente *online*. Em seguida, apresento os fundamentos teóricos e metodológicos que embasam essa pesquisa, destacando alguns conceitos da Pragmática. Apresento também o contexto no qual a pesquisa foi realizada e o perfil das participantes, assim como a organização dos dados e suas categorias de análise. Na sequência, interpreto esses dados propondo uma discussão dos resultados. Na seção final, retomo o tema e os objetivos do trabalho, expondo considerações finais referentes a essa investigação.

### ***A Intencionalidade na visão de Alessandro Duranti***

A Intencionalidade está associada aos propósitos enunciativos dos atores sociais, ou à força ilocucionária (SEARLE, 1976) que eles dão aos seus enunciados, assim como ao esforço que eles fazem para se fazerem compreendidos pela sua audiência. Nesse sentido, a fim de investigar a temática da intencionalidade dentro da Pragmática, proponho resenhar três artigos relativos ao tema de modo a sistematizar e avaliar as ideias discutidas pelo antropólogo Alessandro Duranti em três momentos distintos. Os textos selecionados levaram em conta, principalmente, uma visão histórica do autor sobre o tema<sup>3</sup>. São eles: *Truth and Intentionality: An Ethnographic Critique* (1993), *Intentionality* (2000) e *The Social Ontology of Intentions* (2006).

### ***Truth and Intentionality: An Ethnographic Critique (Duranti, 1993)***

Em 1993, o antropólogo Alessandro Duranti, autor de *Truth and Intentionality: An Ethnographic Critique*, afirmava que havia pouca discussão na literatura etnográfica acerca dos conceitos analíticos de verdade, interpretação e intencionalidade. Até mesmo os antropólogos evitavam discussões filosóficas sobre as relações entre as pessoas, seus pensamentos e suas ações. A maioria dos etnógrafos não se envolvia também na discussão da filosofia da mente ou filosofia da linguagem (SEARLE, 1976).

Nessa ocasião, o referido autor já assumia que as questões referentes à intencionalidade e verdade eram complexas e representavam um desafio para os etnógrafos, uma vez que ele não julgava simples desenvolver hipóteses com base no foco intelectual e nem no comportamento social dos participantes envolvidos no estudo.

---

<sup>3</sup> Vale ressaltar que em 1984 na obra *Intentions, Self, and Local Theories of Meaning: Words and Social Action in a Samoan Context*, Alessandro Duranti já discutia questões referentes ao significado intencional (*intentional meaning*) introduzido por Grice (1957), especialmente, focalizando o ponto de vista do falante.

Duranti se propôs a repensar essas duas vertentes, verdade e intencionalidade, numa visão de participantes como atores sociais, e não mais como meros informantes. Essa nova perspectiva analítica propiciou investigações mais minuciosas que o levaram a parafrasear Siverstein (1976) ao afirmar que os atores humanos são "sujeitos intencionais" e Grice (1982) ao dizer que os atores normalmente operam assumindo que os outros dizem a verdade. Para o autor, os conceitos de verdade e intencionalidade estavam relacionados à aceitação do dualismo cartesiano entre mente e realidade.

Alessandro Duranti sistematiza, então, uma visão clássica desses dois conceitos por meio do resgate da Teoria da Intencionalidade de Searle (1983), com a diferença de que as palavras eram substituídas pelos estados da mente. Para Duranti, intencionalidade implicava um infinito conjunto de relações entre a mente e o objeto ou situação. A visão clássica de verdade e intencionalidade estabeleceu dois modelos de interpretação: (i) o modelo reconstrutivista e (ii) o modelo de verdade-funcional.

Com relação ao modelo reconstrutivista, sua teoria consiste em afirmar que "a mente fala através da linguagem e a linguagem é também o melhor modo de representação dos estados mentais.", pois "os atores sociais entendem o que outros atores sociais querem, suas crenças, sentimentos através de uma série de máximas conversacionais" (GRICE, 1982). Duranti faz alusão à compreensão desse modelo de interpretação no que concerne à visão de Wittgenstein (1922), uma vez que ele também descreve a linguagem como um meio representacional, pois Wittgenstein traz à tona a ideia de correspondência entre partes de uma proposição. Logo, as subpartes da representação e as subpartes da proposição são articuladas numa relação que representa a realidade.

Já de acordo com o modelo de verdade-funcional, a interpretação consiste em uma relação de correspondência entre a representação e o mundo. O antropólogo traz à baila o contraste entre a psicologia que observa o comportamento humano e a ação social como produtos das atitudes e crenças mentais (GREENWOOD, 1991) e uma noção de humanidade mais experimental, interacional e ambígua.

Embora Duranti destaque os dois modelos apresentados acima, ele critica ambos e estabelece, então, quatro dimensões que não são contempladas, a seu ver, nem pelo modelo reconstrutivista sequer pelo modelo de verdade-funcional no que diz respeito, segundo o próprio autor, à "interação em prática".

1. O meio (ou código) através do qual os atos simbólicos são desempenhados (incluindo representações);
2. A audiência ou coparticipantes na interação que produz atos simbólicos;

3. O contexto cultural (incluindo teorias locais) que dão significado aos atos simbólicos por colocá-los em atividades maiores ou relacionadas e concepções; e
4. As ações constituídas através da mediação simbólica.

Parece-me que, ao estabelecer as quatro dimensões supra-apresentadas, Duranti tenta apenas deixar sua contribuição teórica a partir de modelos já existentes e sua complementaridade torna as análises empíricas sobre intencionalidade mais minuciosas.

No que tange às intenções, o autor assume que é geralmente aceitável que os seres humanos sejam "Sujeitos de atos intencionais" e que esses atos são a base do conhecimento da compreensão humana e da ação humana no mundo, parafraseando Husserl (1970 [1913]) e Stalnaker (1984) ao ratificar a importância de estabelecer que as relações entre os atores humanos e o mundo, no que concerne à intencionalidade humana, é diferente da relação entre as coisas e os eventos no mundo natural.

Para Duranti, outra importante dimensão a ser considerada é o "discurso da intencionalidade". O autor se apropria da visão de Giddens (1979) ao afirmar que "essa identificação não é reconhecida no uso do inglês comum, onde 'significado ou intenção' para fazer alguma coisa é considerado diferente de fazer alguma coisa 'propositalmente'. Devemos investigar a relação entre a noção de intencionalidade e outras noções relacionadas".

### ***Intentionality (Duranti, 2000)***

Em 2000, numa visão mais voltada exclusivamente para a Intencionalidade em si, Alessandro Duranti publicou no *Journal of Linguistic Antropology*, o artigo intitulado "*Intentionality*", que demonstra seu interesse contínuo em investigar o tema, especialmente, sob a releitura de Edmund Husserl, mas acredito que o autor não apresentou contribuições significativas à sua discussão inicial de 1993 sobre intencionalidade.

Segundo Duranti (2000), o termo intencionalidade, investigado desde a tradição filosófica dos escolásticos e, posteriormente, minuciosamente desenvolvido por Edmund Husserl, tem sido relacionado à propriedade da consciência humana de ser direcionado a algo. Por isso, esse termo não deve ser confundido com o senso comum (fazer algo de propósito) ou (ter um plano).

Duranti faz uma releitura das ideias de Husserl, pois acredita que esse autor é o que melhor elucida a discussão sobre intencionalidade até então. Husserl faz uma distinção entre o Ato intencional e o Objeto sobre qual o ato ocorre. Nesse sentido, ele acredita que seja

possível identificar o mesmo referente com descrições distintas, cada uma com seu significado. A fim de ilustrar essa distinção, Duranti exemplifica essa tese com duas declarativas afirmativas. Na primeira, ele descreve Bill Clinton como o presidente; e na segunda, como o marido da Hillary. Segundo Husserl, essa "distinção é necessária entre atos intencionais e seu Objeto" (p. 135), pois, enquanto o "Objeto pode permanecer o mesmo, os atos podem mudar" (p. 135). De acordo com a fenomenologia de Husserl, "o significado é constituído através de diferentes caminhos nos quais nos engajamos com o mundo (tanto reais quanto imaginários)" (p. 135). Sendo assim, para Husserl, tudo é significativo: sons, gestos ou marcas no papel, uma vez que eles podem ser interpretados por seres humanos que são capazes de experienciar atos intencionais que podem vir a ser sentimentos, crenças, desejos de se comunicar uns com os outros. O autor acrescenta que a intencionalidade tem papel importante nas obras de Austin (Atos de Fala), Grice (Teoria do Significado) e Searle (Teoria da Mente), e são os Níveis de Intencionalidade que diferem a inteligência humana da inteligência de outras espécies e das máquinas.

Duranti (2000) mostra-se mais preocupado em estabelecer aspectos cognitivos sobre a Intencionalidade como ponto de partida para o estabelecimento de níveis de sistema intencional. Nesse sentido, ele descreve pelo menos quatro ordens distintas desse sistema: o sistema intencional de zero ordem seria aquele que não tem crenças nem desejos. O de primeira ordem tem crenças e desejos, enquanto o de segunda ordem tem crenças e desejos sobre crenças e desejos. Já o sistema intencional de terceira ordem faz-se necessário ao que Grice (1957) chama de "significado não natural" (*meaning-nn*)<sup>4</sup> (p. 136), típico da comunicação humana.

Embora defensor das ideias articuladas por Husserl, Duranti reconhece e apresenta outra linha de pesquisa sobre intencionalidade que vai de encontro ao paradigma de Husserl. De acordo com Heidegger, um dos estudiosos contrários às ideias defendidas por Husserl, o significado não vem dos nossos atos intencionais, mas da temporalidade, que é a finitude que caracteriza a vida humana. Entretanto, essa crítica parece não abalar a tese de Husserl.

Finalmente, Duranti sinaliza que antropólogos linguísticos têm percebido que a linguagem representa um recurso valioso à introspecção e compreensão de fenômenos tais como a construção intersubjetiva da intencionalidade.

---

<sup>4</sup> A discussão acerca dos significados naturais (Exemplo: "Those spots mean (meant) measles." / "Aquelas pintinhas querem dizer sarampo." – tradução minha) e dos não naturais (Exemplo: "John means that he'll be late." / "John quer dizer que ele se atrasará." – tradução minha) pode ser encontrada em H.P. (1957) **Meaning**. The Philosophical Review, 64, 377-38 (Reprinted in J.F. Rosenberg & C. Travis (Eds.). in Readings in the philosophy of language. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1971).

Parece-me que, embora Duranti tente, principalmente através da visão de Husserl, esclarecer o paradigma interpretativo de Intencionalidade do discurso, ele não se faz claro, pois não apresenta nenhuma tentativa de análise de elocuições empíricas com base no tema intencionalidade, nem sequer retoma as quatro dimensões complementares aos modelos reconstrutivista e de verdade-funcional que sugeriu em sua obra de 1993.

### ***The Social Ontology of Intentions* (Duranti, 2006)**

No texto “*The Social Ontology of Intentions*”, de Duranti (2006), o antropólogo inicia o artigo deixando claro que o assunto abordado é “como desenvolver uma teoria de interpretação de ação social (discurso incluído) que leve em consideração reivindicações específicas de cultura sobre as intenções e ao mesmo tempo permitindo uma dimensão pan-humana, universal da intencionalidade.” (p. 31). O autor, novamente, faz referência às ideias sobre intencionalidade defendidas por Husserl, sugerindo que a partir do termo em inglês denominado “*bracketing*”, se examine tanto o conteúdo dos atos intencionais, quanto as condições que permitem o seu estudo em diferentes contextos culturais.

Esse artigo foi construído a partir de uma provocação por e-mail através do qual Teun Van Dijk desafiou Duranti a se posicionar, como descreve o próprio Duranti: “Ele me pediu para qualificar minha rejeição aparente (em DURANTI, 1993), de, como ele dizia, uma abordagem ‘Intencionalista’ ao discurso” (p. 32). Foi a partir desse esforço colaborativo entre ambos pesquisadores que, finalmente, Duranti clarificou suas ideias acerca do tema intencionalidade e decidiu estabelecer duas necessidades básicas para desenvolver uma teoria de interpretação da ação social: a primeira, estabelecer uma definição de intencionalidade, e a segunda, estabelecer um método de pesquisa. Como método, uma solução utilizada foi adotar o método fenomenológico de “*bracketing*” (ponto de vista natural), originalmente introduzido por Husserl em sua discussão sobre as várias formas de “redução” (HUSSERL, 1917, 1987, 1931, 1989).

Duranti assume que existe um nível de intencionalidade que é difundido na ação humana, um nível que não pode ser negado e, ao mesmo tempo, é distinto das conceituações particulares oferecidos por uma linguagem ou discurso particular. O autor, entretanto, levanta uma questão importante: a distinção entre *intencionalidade* e *intenções*. O primeiro é mais geral, enquanto o segundo está relacionado aos atos intencionais, e tem sido interpretado de diferentes maneiras nas ciências filosóficas e cognitivas. Por exemplo, enquanto Myles Marca

(1984, p. 5) identificou "planejamento" como um dos recursos (cognitivos) do que ele chama de "ação intencional" (p. 33), John Searle, por outro, considera "‘intenção' como 'apenas uma forma de intencionalidade, juntamente com a crença, a esperança, o medo, o desejo, e um monte de outros'" (SEARLE, 1983, p. 3 apud DURANTI, 2006, p. 33). Portanto, Alessandro Duranti, dessa vez, deixa claro que, para ele, vale a definição do senso comum presente no dicionário *Webster* (1974, p. 733), da intenção que está muito perto de "uma determinação de fazer uma coisa específica ou agir de uma maneira".

Duranti reconhece que "o primeiro passo em direção ao uso de intencionalidade através de situações e métodos é o reconhecimento de um nível de intencionalidade básico e universal para construir a linguagem e os atos intencionais específicos de uma cultura." (2006, p. 36).

Com base nas formulações de Brentano e de Husserl, Duranti (2006, p. 36) explica que entende a intencionalidade como a 'tematicidade' (*aboutness*) da nossa atividade física e mental, isto é, a propriedade que os nossos pensamentos e ações têm de ser direcionados para alguma coisa que pode ser imaginada, vista, ouvida, tocada, cheirada, recordada, ou talvez um estado de espírito para ser refletida (nesse caso, um ato intencional de segunda ordem). Segundo o autor, "essa propriedade de ser direcionada não pressupõe que um pensamento bem-formado preceda a ação." (2006, p. 36). Por exemplo, através da nossa postura e gestos, nosso corpo projeta determinada intencionalidade.

Acredito que, através das palavras, dos dados escritos também é possível percebermos essa projeção de intencionalidade defendida por Duranti (2006, p. 36), ao afirmar que "as implicações das nossas palavras são muitas vezes feitas aparente pela reação do nosso público". Sendo assim, a análise linguística me parece legítima à compreensão de certo nível de intencionalidade dos atores sociais por meio de suas elocuições imbuídas de significados ditos e não ditos, como assegura a Pragmática.

### **Fundamentos teóricos e metodológicos**

Os fundamentos teóricos e metodológicos de uma pesquisa estão associados ao conjunto de textos relacionados ao tema da investigação que servem de suporte à compreensão de dados particulares e aos procedimentos adotados na delimitação/realização do estudo, respectivamente. O posicionamento teórico dessa pesquisa mobiliza a

intencionalidade como tema de interlocução da Pragmática e a dêixis como categoria de análise. Já os procedimentos metodológicos estão associados à ciber-etnografia qualitativa.

### **Foco de estudo na Pragmática e principais conceitos**

Entre as definições que Levinson ([1983] 2007) apresenta para a Pragmática, estão: (1) “A pragmática é o estudo do uso linguístico.” (p. 6); (2) “A pragmática é o estudo dos princípios que explicarão por que certo conjunto de sentenças é anômalo ou não constitui enunciações possíveis.” (p. 7) e (3) “Pragmática é o estudo das relações entre língua e contexto que são gramaticalizadas ou codificadas na estrutura de uma língua.” (p. 11). No entanto, muitas definições poderiam ser incluídas na lista anterior, algumas do próprio Levinson (2007) e outras de autores renomados na área, como é o caso da definição do representante da postura europeia da Pragmática, Jacob Mey ([1993] 2001), que sugere a Pragmática como uma área de investigação linguística que dá conta dos múltiplos objetivos expressos por meio das palavras e expressões em uma determinada interação (*meaning in interaction*).

Realizadas as leituras<sup>5</sup> sobre Pragmática, percebi que, embora algumas definições apresentem traços bastante distintivos entre si, em geral, a grande maioria destaca o fato de que essa disciplina focaliza o significado que o falante quer comunicar, sendo que tem uma parte explícita e, pode haver, uma implícita: o que não se diz também se comunica, ou seja, a Pragmática dá conta de explicar o que está implícito nos enunciados. E o mais interessante é que, embora as pessoas intencionem comunicar além do que as suas palavras, de fato, dizem, os outros compreendem o que não foi, efetivamente, dito. Em conformidade com Grice (1982), a linguagem natural comunica mais do que aquilo que um enunciado significa, pois, quando se fala, comunicam-se também conteúdos implícitos, que são compreendidos de acordo com o contexto em que a enunciação ocorre.

A estrutura linguística não diz nem semântica nem sintagmaticamente o que se quer dizer. Considera-se a intenção. É nesse sentido que a Pragmática, que leva em consideração o *aqui* e o *agora*, explica o que está nas “entrelinhas”. Essa área de investigação busca entender as ações provocadas pela utilização da linguagem e os tipos de efeitos que resultam desses proferimentos. Logo, podemos sistematizar que a pragmática não foca no estudo das

---

<sup>5</sup> Essas leituras foram, em grande parte, sugeridas pela minha orientadora de doutorado, a Professora Doutora Maria das Graças Dias Pereira, na disciplina intitulada Pragmática, realizada no primeiro semestre de dois mil e catorze, como seleção bibliográfica do curso de Doutorado na PUC-Rio.

sentenças, mas nos atos produzidos a partir das enunciações. Ratificando essas ideias, Austin ([1962] 1990) sugere que a linguagem tem a função de agir, de realizar atos por meio da fala. É exatamente com base na premissa de Austin que considero relevante analisar os enunciados, focalizando os proferimentos performativos (AUSTIN, 1990) das mulheres com câncer de mama em um site de domínio público, com base na temática da intencionalidade (DURANTI, 1993, 2000 e 2006) do ponto de vista do enunciador/falante.

No entanto, considero que não só o discurso verbal deva estar sob a análise da Pragmática. Se pensarmos o discurso dessas participantes enquanto ação e representação, ponto de vista apresentado por Chouliaraki & Fairclough (1999), além das palavras, outras formas de comunicação não-verbais também serão significativas. Segundo esses autores, as imagens visuais contribuem para a noção de prática social (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 37), conseqüentemente, no modo como as participantes do contexto em tela projetam seus proferimentos performativos. Nesse sentido, vale observar outras formas semióticas que complementam a comunicação verbal.

### **Metodologia de pesquisa**

Nessa seção, apresento o *design* da pesquisa, isto é, o conjunto de critérios metodológicos selecionados para desenvolvê-la. Os procedimentos utilizados para a coleta e o entendimento dos dados, seus métodos e técnicas são o alicerce desse trabalho acadêmico, uma vez que viabilizam os resultados dessa investigação.

As ferramentas de busca disponibilizadas na internet, especialmente, o Google, me levaram até a página do Instituto Oncoguia ([www.ongoguia.org.br](http://www.ongoguia.org.br)). Nesse site, tive a oportunidade de navegar até a aba “De Paciente para Paciente”, categoria “Aprendendo com Você”, ler e selecionar trechos dos depoimentos de três pacientes com câncer de mama (entre 35 e 40 anos) que considere relevantes para a realização dessa pesquisa.

### **A natureza da pesquisa**

Gergen & Gergen (2006) já apontavam uma mudança nos métodos de fazer pesquisa qualitativa em um futuro breve, dado que a revolução tecnológica com a inserção e popularização do computador e da comunicação via internet serviu como um divisor de águas tecnológico. Dessa forma, novas maneiras de imaginar as pesquisas e métodos passaram a ser

pensadas partindo da inquietude a respeito da utilização de métodos tradicionais na realização de pesquisas contemporâneas.

Essa pesquisa está pautada na metodologia qualitativa (DENZIN & LINCOLN, 2006) e no trabalho etnográfico *online*, Netnografia ou ciber-etnografia (HALLETT; BARBER, 2013), que representa um método de investigação para indagar sobre o que ocorre nas comunidades virtuais do ciberespaço, que, aqui, se constituiu no site do Instituto Oncoguia.

O estudo etnográfico tradicional requer a presença dos participantes de um grupo no mesmo espaço físico, para que a qualidade de análise das interações seja legitimada ao considerar não só o discurso verbal, mas também o contexto situacional. No entanto, Cerulo (1997) preconiza a abrangência da etnografia ao pesquisar comunidades ou grupos *online*, levando em consideração o nível de intimidade e legitimidade das interações. O pesquisador supracitado afirma que o fato de os participantes de um evento compartilharem o mesmo espaço físico não é o suficiente para estabelecer que haverá uma interação íntima que tenha qualidade para ser analisada, contradizendo o contexto padrão.

Com o advento das TICs, passamos a experimentar inovações nas formas de agrupamento social, comportamentos, culturas e manifestações discursivas. Essas mudanças geram pesquisas que demandam novas metodologias ou adaptações das metodologias tradicionais para o ambiente digital, uma vez que se instaurou a possibilidade de investigar as práticas sociais que perpassam as limitações físicas e adentram o mundo virtual. Sendo assim, Frenso (2011) afirma que o surgimento da netnografia acontece à medida que está ocorrendo um hibridismo contínuo das práticas sociais das pessoas, comunidades e culturas nos contextos *on* e *offline*, e já não parece mais significativa e nem oportuna uma separação entre esses dois mundos.

### **Cenário do câncer no Brasil e sujeitos da pesquisa**

De acordo com dados provenientes do sítio do Instituto Nacional de Câncer (INCA), [www.inca.org.br](http://www.inca.org.br), o câncer de mama é o tipo de carcinoma mais frequente entre as mulheres do mundo inteiro. No Brasil, os índices de mortalidade em decorrência dessa doença são altíssimos. As mulheres, especialmente com idade superior a trinta e cinco anos, devem fazer regularmente seus exames de prevenção. Afinal, elas estão mais propensas a desenvolver o tumor.

Embora pesquisas recentes revelem os altos índices da doença, a saúde pública brasileira e os órgãos estaduais responsáveis por instituições de amparo e tratamento do paciente oncológico são, cada vez mais, criticados pelas usuárias dos serviços relacionados à sua doença. Elas, geralmente, apontam negligência e descaso dos hospitais e demais órgãos públicos, em âmbito nacional, com seu estado clínico<sup>6</sup>.

Para evitar distorções na análise de dados, nesse trabalho, o grupo de pacientes investigado tem seu perfil semelhante, ou seja, três pacientes brasileiras com câncer de mama, em idade adulta.

### **Tratamento dos dados**

Diante da perspectiva desse estudo ciber-etnográfico, no qual busco respostas através da análise de dados via textos verbais e imagéticos, há algumas considerações a serem feitas. Entre elas, estão a facilidade de acesso aos dados registrados, a dificuldade de participação do pesquisador e a complexidade de análise do *corpus*, que compreende trechos de entrevistas e depoimentos de pacientes com câncer de mama disponibilizados publicamente na página do Instituto Oncoguia. Desse modo, como apontam Thomsen, Straubhaar e Bolyard (1998), é necessário uma atenção minuciosa e desafiadora face ao discurso escrito, tendo em vista que, segundo esses autores, todo comportamento é verbal em forma de texto. Porém, em uma perspectiva mais abrangente das interações discursivas, ratifico a relevância desses dados, uma vez que Paiva e Rodrigues Júnior (2004) e Domínguez, Beaulieu, Estalella, Gómez, Schnettlerand e Read (2007) consideram como dados para análise em um estudo netnográfico, além do texto, pistas discursivas, sabendo que os primeiros destacam os elementos para-linguísticos enquanto os segundos, os elementos audiovisuais.

O estudo ciber-etnográfico também requer novas técnicas bastante específicas para a coleta e análise de dados, que se distinguem das utilizadas no estudo etnográfico convencional. Nesse sentido, as ferramentas tecnológicas auxiliam potencialmente cada etapa da pesquisa, ou seja, o recurso de transportar dados multimodais da plataforma *online* para arquivos de acesso pessoal *offline*, para que a visualização dos referidos dados não dependa exclusivamente do acesso à internet, é essencial para a análise do *corpus* selecionado. Outra característica dessa perspectiva é que não há necessidade de transcrever dados. Entretanto, sobre esse tópico, vale ressaltar que, de acordo com Thomsen, Straubhaar e Bolyard (1998), o

---

<sup>6</sup> Fonte: noticias.r7.com.

fato de lidar apenas com dados escritos, o que, aparentemente, demanda menos tempo do pesquisador, torna-se também um desafio, pois o nível de penetrabilidade no contexto observado requer um engajamento maior.

### **Organização dos dados e categorias de análise**

Visando uma organização da análise dos dados, selecionei três trechos, cada qual proferido por uma das três participantes da pesquisa. Os trechos foram analisados sob a temática da intencionalidade e a dêixis foi utilizada como categoria de análise.

### **Dêixis**

De acordo com Levinson (2007, p. 65), a dêixis é “um modo pelo qual a relação entre língua e contexto se reflete nas estruturas das próprias línguas de maneira evidente”. Face a essa definição do fenômeno linguístico observado na análise pragmática das enunciações, é possível compreender que alguns traços gramaticais são mais típicos desse fenômeno, como é o caso dos demonstrativos, dos pronomes de 1ª e 2ª pessoa, do tempo verbal e de advérbios de tempo e lugar.

O uso dos dêiticos implica uma análise específica do contexto da enunciação ou do evento de fala (LEVINSON, 2007), uma vez que o valor de verdade do dêitico variará de acordo com o contexto; ou como sugere o próprio Levinson, o ponto de referência.

As categorias tradicionais da dêixis (LEVINSON, 2007; MEY, 2001 e NUNBERG, 1993) são as seguintes: (1) pessoa, (2) lugar e (3) tempo. De modo expediente, é possível dizer que a dêixis de pessoa está associada ao papel dos participantes envolvidos na enunciação, se está relacionada à 1ª pessoa, 2ª ou 3ª. Com relação à dêixis de lugar, há uma característica proximal/distal que diz respeito à localização espacial dos sujeitos envolvidos nas enunciações, como é o caso dos advérbios dêiticos *aqui* e *lá*. E, no que tange à dêixis de tempo, os advérbios estão relacionados ao momento em que a enunciação foi proferida, por exemplo, o uso do *agora*, *ontem* e *daqui pra frente*.

É possível ampliar o uso dos dêiticos se levarmos em consideração as duas categorias introduzidas por Lyons e Fillmore (apud LEVINSON, 2007) que são: (4) dêixis de discurso (ou de texto) e (5) dêixis social. Enquanto a primeira é utilizada para fazer referência a uma parte do discurso/do texto, representada especialmente pelos demonstrativos *esse* e *aquela*; a

dêixis social se refere “aos aspectos das sentenças que refletem, estabelecem ou são determinadas por certas realidades da situação social em que o ato de fala ocorre” (Fillmore apud LEVINSON, 2007, p. 110), por exemplo, no que diz respeito à relação social entre os sujeitos envolvidos nas enunciações mediante os pronomes e formas de tratamento presentes nos proferimentos.

### “Cacá, você está aqui de passagem pelo meu corpo, ok?”

Ao analisar a intencionalidade nas enunciações das três participantes, Débora, Luciana e Isabel, deparei-me com discursos que mobilizavam diversos atores sociais através dos relevos que, especialmente, os dêiticos (LEVINSON, 2007) de pessoa, davam às participantes e sua audiência. Selecionei o Excerto 1, que inclusive deu origem ao título dessa seção, para iniciar minha análise, que parte do nível linguístico em direção ao tema da intencionalidade.

#### Excerto 1: “FÉ EM MIM” (Débora)

Tive FÉ EM MIM, passei a chamar o câncer de "Cacá" e conversava sempre com ele: "olha, "Cacá", você está aqui de passagem pelo meu corpo, ok? Aprenderei com você, não entrarei em guerra. Simplesmente, prometo que farei o melhor por mim!

O uso da dêixis de pessoa, através do pronome pessoal *você*, sinalizou determinado nível de intimidade com sua doença, assim como a naturalização do câncer de mama. Débora profere sua enunciação ao câncer, apelidado de *Cacá* num tom de camaradagem, por meio do discurso direto. Seu nível de intimidade com a doença pode ser observado também através do dêitico de lugar *aqui*, estabelecendo um ponto de ancoragem bem proximal desse advérbio, uma vez que essa palavra faz referência ao interior de seu corpo.

Nesse trecho da enunciação, o dêitico de 1ª pessoa, *eu* (tive, passei, conversava, aprenderei, entrarei, prometo e farei), que se refere à paciente, aparentemente, tem menos relevo do que o pronome de 2ª pessoa *você*, referente ao câncer, uma vez que causa estranheza que um proferimento performativo no modo imperativo (AUSTIN, 1990, p. 61) seja direcionado a um ser inanimado, nesse contexto, o câncer.

As formas verbais no futuro do presente *aprenderei*, *(não) entrarei* e *farei* indicam uma projeção otimista para o futuro. No entanto, não se sabe quando exatamente as ações ocorrerão se não considerarmos o contexto da enunciação como referencial. Ainda nessa perspectiva de análise, um verbo que merece destaque é o *prometer*, que aparece na 1ª pessoa

do singular no presente do indicativo da voz passiva, *prometo*, forma essa que está associada a um “ingrediente especial de todo proferimento performativo”, segundo Austin (1990, p. 59).

Ao penetrar em outro nível de análise do excerto acima mais subjacente ao conceito de intencionalidade, identifiquei que os grifos em **FÉ EM MIM** trazem à tona a discussão acerca da valorização do “eu”, pois associada ao modelo reconstrutivista da visão clássica de intencionalidade (DURANTI, 1993), “os atores sociais entendem o que outros atores sociais querem, suas crenças, sentimentos (...)” e passam, inclusive, a condescender com seus proferimentos.

### **Excerto 2: “Eu vivo uma Luciana personagem” (Luciana)**

Não se desespere, tem cura, o tratamento é difícil mas não é impossível. Alto astral e NUNCA supervalorizar a doença. Tente esquecê-la, viva por um tempo como se fosse uma outra vida. Eu vivo uma Luciana personagem, toda arrumada, maquiada, coisa que não fazia antes e tento parecer sempre de bom humor e sorrindo, para atrair coisas semelhantes. Não seja vítima. Seja fortaleza.

No Excerto 2, o fato de Luciana construir sua enunciação com base em declarações negativas me chamou bastante atenção. Embora Austin (1990) previsse os proferimentos performativos em frases no modo imperativo, por consistirem na realização de uma ação, o referido autor não se atém às declarações negativas especificamente. O uso do advérbio de negação *não* aparece quatro vezes enquanto *NUNCA* aparece uma vez apenas nesse trecho, porém em destaque.

A dêixis relaciona as pessoas, os atores sociais, ao contexto da enunciação. Dessa maneira, as formas verbais que indicam o pronome de 2ª pessoa *tu/você* (*desespere, tente, viva, (não) seja e seja*) direcionam a enunciação ao leitor, que aos olhos de Luciana, compartilha a mesma doença. Embora a participante tenha sua audiência em mente, Luciana só explicita o pronome pessoal quando se refere a 1ª pessoa *Eu* (*vivo*), marcando por meio desse dêitico de pessoa a sua postura face à doença e ratificando a ação de *viver* “da melhor maneira possível”.

Aparentemente, sua intenção ao proferir “*Eu vivo uma Luciana personagem (...)*” se assemelha ao que Husserl apud Duranti (2000) distingue entre o Ato intencional e o Objeto sobre qual o ato ocorre. Para Husserl, é possível identificar o mesmo referente com descrições distintas, cada uma com seu significado. Nessa perspectiva, Luciana poderia ter descrito o modo como vive de outra forma, por exemplo, *Eu vivo uma farsa*, mas sua intenção foi, possivelmente, atenuar seus “disfarces” para sua audiência. Então, ela optou por utilizar o

termo *Luciana personagem*, como Husserl sugere, com atos intencionais para descrever determinado Objeto.

### Excerto 3: “Lute por você mesmo com fé em Deus” (Isabel)

Espero que quem estiver lendo sobre mim, seja inspirado a crer e vencer os desafios que essa doença traz, pois afinal, desde que nascemos temos que lutar pra sobreviver, pois não é brincadeira não, tantas doenças por aí... Lute por você mesmo com fé em Deus e a certeza que Ele vela por nós e faz sempre o melhor pra quem confia nele. Não se desespere, faça tudo direitinho e tudo dará certo.

Ao realizar a análise pragmática do Excerto (3), considerei inicialmente os verbos *esperar*, *crer* e *inspirar*. Todos eles mobilizam expectativas do Ator Social, ou seja, a temática da intencionalidade no que concerne ao que a participante quer em relação ao outro. Nesse trecho, aparecem os dois tipos clássicos da dêixis:

- **de pessoa**, implícitas nas formas verbais *espero* (**eu** - Isabel), *temos*, *nascemos* (**nós** – os pacientes, ela inclusive), *vela* (**ele** - Deus), e *lute*, (*não se*) *desespere* e *faça* (**você** – a audiência). Esses dêiticos aparecem, aparentemente, na tentativa de abarcar todos os atores sociais possíveis em prol de uma mesma temática: combater o câncer. Além dessas aparições dêiticas clássicas, há também um pronome relativo *quem*, que se configura, nesse contexto, como o que Levinson, (2007:73) identifica como dêixis atributiva, uma vez que ao proferir as frases “... *em quem estiver lendo sobre mim.*” e “... *pra quem confia nele.*”, Isabel não tem, exclusivamente, um leitor em mente.

- **de lugar**, com o uso dêixis de lugar na locução *por aí*. A referência que se faz a essa localização é equivalente a “mundo a fora”. Sendo assim, não há como precisar um ponto específico da localização das doenças no sintagma “*tantas doenças por aí...*”.

Na que tange à intencionalidade, percebi também que ao trazer à tona o caráter religioso para o tratamento, Isabel ratifica a importância da audiência “seguir sua cartilha”, pois segundo ela, “*(Deus) faz sempre o melhor pra quem confia nele.*”. Tendo como audiência-alvo as brasileiras na condição de pacientes oncológicas, me parece que Isabel reflete bem o que Duranti (2006) identifica como um nível básico de intencionalidade, que é “universal para construir a linguagem e os atos intencionais específicos de uma cultura”. Afinal, faz parte da cultura dos brasileiros, de uma maneira geral, acreditar que a fé em Deus traz soluções para as inquietudes da alma.

## **Considerações Finais**

Esse trabalho propôs uma investigação pragmática das enunciações de pacientes brasileiras com câncer de mama proferidos no site do Instituto Oncoguia. Diante dessa proposta, discorri sobre a temática da intencionalidade nos discursos de três atores sociais. O tema da intencionalidade há décadas tem representado um desafio aos etnógrafos, como aponta Duranti (1993). Levei a discussão da intencionalidade para o contexto digital, tendo em vista a valorização e a popularização dos meios tecnológicos na contemporaneidade. Esse cenário de investigação torna-se ainda mais relevante se admitimos que vêm ocorrendo, notoriamente, extrapolações humanas de manifestações de solidariedade dos meios *on* para o *off line*

Alguns desdobramentos dessas manifestações em registro escrito serviram de dados para, nesse estudo, identificar que a intenção das pacientes, ao proferirem seus discursos em um site de domínio público, foi aproximar e legitimar as relações entre os atores sociais, as fronteiras espaciais e temporais. Além disso, verifiquei que por meio do estudo das dêixis, especialmente as de pessoa, a Linguística deu relevo aos atores sociais envolvidos nos contextos, a quem as enunciações são direcionadas.

Percebi, ao longo da análise proposta, que os dêiticos são uma categoria importante para a análise Pragmática em discursos no contexto digital, principalmente porque uma das estratégias discursivas de intencionalidade dos sujeitos é mobilizar, por meio da dêixis, vários atores sociais a fim de estabelecer entre eles, redes de solidariedade.

Essa investigação destaca, sobretudo, a importância de existirem espaços em ambiente digital propícios à discussão do câncer do ponto de vista, principalmente, das mulheres que convivem com a doença ou já passaram por ela, e que voluntariamente compartilham suas histórias de vida, inquietudes e vitórias com uma audiência que não se restringe a outras pacientes. Esse tipo de iniciativa é importante porque diferentemente do que, normalmente, se espera, há muitos relatos inusitados sobre o câncer, que é um assunto que a cada dia, felizmente, tem se tornado menos tabu tanto em contextos presenciais quanto em espaços virtuais.

## **Referências**

AUSTIN, J. L., *Quando dizer é fazer: palavras em ação*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [How to do things with words. London: Oxford Univ. Press, 1962].

CERULO, K. A. *Reframing Social Concepts for a Brave New (Virtual) World*. Sociological Inquiry 67 (1), p. 48-58, 1997.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*, p. 1-73, 1999.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOMÍNGUEZ, BEAULIEU, ESTALELLA, GÓMEZ, SCHNETTLERAND & READ, Virtual Ethnography. In: *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum Qualitative Social Research*, v. 8, n.3, 2007.

DURANTI, A., Truth and Intentionality: An Ethnographic Critique. *Cultural Anthropology*, 8: 214–245. doi: 10.1525/can.1993.8.2.02a00050, 1993.

\_\_\_\_\_. Intentionality. In: *Language Matters in Anthropology: A Lexicon. A special issue of the Journal of Linguistic Anthropology*. 9. Editions 1-2, p. 134-136, 2000.

\_\_\_\_\_. The Social Ontology of Intentions. *Discourse Studies* 8. (1), p. 31-40, 2006.

FRENDO, M. D., *Netnografía – investigación, análisis e intervención social online*. Editorial UOC, 1ª edición, 2011.

GERGEN, M. M. & GERGEN, K. J. Tensões e transformações. In: DENZIN, N. K. & LINCOLN Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*; 2ª edição; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre : Artmed, 2006.

GRICE, H. P., Lógica e Conversação. In: Dascal, M. *Pragmática: problemas críticos, perspectivas da Linguística*. Campinas: Edição Particular, 1982.

HALLETT; BARBER. Forthcoming, 2014. “Ethnographic Research in a Cyber Era.” *Journal of Contemporary Ethnography*. Published online first, Aug, 2013.

HAUGH, M & JASZCZOLT, K. M., [Speaker intentions and intentionality](#). In: [Cambridge Handbook of Pragmatics](#). Keith Allan & Kasia Jaszczolt (eds.), Cambridge University Press. p. 87-112, 2012.

LANGELLIER, K. M., You're marked: breast cancer, tattoo and the narrative performance of identity. In: *Narrative and Identity: Studies in Autobiography, Self and Culture*, 2001.

LEVINSON, S. C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. [Pragmatics. Cambridge, Cambridge University Press, 1983]

MAZZONE, M. & CAMPISI, E., Are there communicative intentions? In: [\*Advances in Cognitive Science: Learning, Evolution, and Social Action. IWCogSc-10 Proceedings of the ILCLI International Workshop on Cognitive Science\*](#) L. A. Perez Miranda & A. I. Madariaga (eds.), 2010.

MEY, J. L., *Pragmatics: An introduction.*, 2<sup>nd</sup> Edition. Mass., USA e Oxford, Reino Unido: Blackwell Publishers, p. 1-35, 2001.

NUNBERG, G., Indexicality and deixis. *Linguistics and Philosophy*, 16, p. 1-43, 1995.

SEARLE, J. R., A classification of illocutionary acts. *Language and Society*, v. 5, p. 1-23, 1976.

THOMSEN, S. R., STRAUBHAAR, J. D. & BOLYARD, D. M., Ethnomethodology and the study of online communities: exploring the cyber streets, **Information Research**, 4 (1), 1998. [Disponível em: <http://informationr.net/ir/4-1/paper50.html>] Acesso em 27 de fevereiro de 2013, 15:36.

TURKLE, S. *A vida no écran. A identidade na era da Internet*. Lisboa: Relógio d' Água, p. 20-52, 1995.

**Outras Fontes:**

[www.ongoguia.org.br](http://www.ongoguia.org.br) (Acessado em 23 de agosto de 2015).

Journal of Pragmatics, Editorial, 2011. (Acessado em 10 de novembro de 2015).

<http://noticias.r7.com/fala-brasil/videos/saude-publica-pacientes-enfrentam-descaso-para-tratar-cancer-em-mg-17102015> (Acessado em 20 de novembro de 2015).